

# EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

Edição especial comemorativa do 10º aniversário  
da Escola Superior de Educação

## **EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA**

**Propriedade**  
Instituto Politécnico da Guarda

**Director**  
Presidente do IPG

**Redacção**  
Serviços Centrais do I.P.G.  
Av. Dr. Francisco Sá Carneiro nº 50 \* 6300 Guarda  
Telef. (071) 220 111\* Fax (071) 222690

**Composição**  
Centro de Audiovisuais e Publicações

**Execução Gráfica e Impressão**  
Secção de Reprografia do I.P.G.

**Periodicidade**  
Semestral

**Tiragem**  
1.000 ex.

**Depósito Legal**  
nº 17.981/87

nº XX\* Setembro de 1997

Edição especial comemorativa  
do 10º aniversário da Escola Superior de Educação

Capa: Vista parcial do edifício da ESE

## APRESENTAÇÃO

A Escola Superior de Educação da Guarda está a comemorar dez anos de existência com várias actividades culturais. Com esta idade, a E.S.E. tem uma vida ainda muito curta em comparação com os cerca de setecentos anos da prestigiada Universidade de Coimbra.

Esta efemeridade é ocasião para repensar o tempo passado que só existe enquanto presente e visionar o futuro que se quer já actual.

Com dez anos, a Escola tem forçosamente o sonho e a inquietação da sua juventude, procurando caminhos, alimentando esperanças, correspondendo às necessidades dos jovens ávidos de cultura e de progresso. Numa audácia prudente e numa inquietação apoiada, a Escola vai crescendo de modo persistente entre crises que para os jovens nunca são um fim, mas um eterno começo.

Este crescimento tem-se operado de modo quantitativo e qualitativo. Ao longo destes anos aumentou o número de alunos e logicamente de professores. A grande preocupação está na procura da qualidade do ensino, na motivação intelectual dos estudantes, na formação dos docentes, a que se pede um esforço continuado de actualização científica e pedagógica.

Nesta evolução procurou-se corresponder aos anseios dos jovens, às exigências do tempo, às necessidades das instituições económicas e sociais. Por estas razões a E.S.E., continuando a formar professores, voltou-se para o meio comercial e empresarial, criando alguns cursos de reconhecida utilidade pública. Nesta visão pragmática, os responsáveis nunca deixaram de conjugar o regional e o nacional, sem esquecer a experiência e a vitalidade de algumas instituições da vizinha Espanha.

Durante estes anos foram estabelecidas relações com outras escolas superiores, com evidentes benefícios para uma visão mais alargada e uma abertura a novos horizontes. Deste modo se vão consolidando as estruturas, criando uma melhor consciência das responsabilidades científicas e educativas.

Inserida na região da Guarda, a E.S.E. não pode esquecer as instituições culturais, sociais, económicas e tradicionais das

Beiras, transmitindo os seus valores e recriando a memória. Por outro lado está atenta às pessoas, valorizando a formação complementar e contínua em vários ramos do saber, com particular atenção aos professores da Guarda e regiões mais próximas. De todos os que trabalham nesta Escola, há que destacar os alunos, razão essencial de todas as preocupações e anseios. Eles vêm de todo o país para subir à Guarda, subindo durante alguns anos na cultura, na formação e numa esperança sustentada pelo esforço individual e colectivo.

Nesta Escola que está de certo modo ainda no começo de uma vida que se deseja longa, não se tem descurado a investigação científica de que há belos exemplos com trabalhos individuais de professores e de alunos. A testemunhar esta inquietação intelectual está sobretudo a Revista *Educação e Tecnologia* que se tem mantido com a valiosa colaboração dos docentes e uma impressionante regularidade.

Apesar de todas as dificuldades a Escola Superior de Educação da Guarda vai trilhando o seu caminho que, se faz ao caminhar, com uma esperança efervescente, ainda que oscilante.

José Júlio Esteves Pinheiro  
Manuel Carvalho Prata  
António M. Matoso Martinho

## ...ÉTICA NA DOCÊNCIA

---

Filomena de São José Diniz \*

---

A dimensão social de todas as profissões exige uma deontologia, mais aquelas que, como a de ... professor, por incidirem directamente sobre as pessoas, são reduplicativamente humanas e sociais

Castillo

### **O Papel do Professor no Ensino de Valores**

Até que ponto se pode falar em ensino de valores? O comprometimento do professor com o ensino de valores é um problema com uma vertente forte a nível didáctico.

No ensino tradicional não caberia falar em valores, pois era um tipo de ensino livresco que privilegiava e apelava à memorização. Claro que os valores não são algo que se possa traduzir por via livresca apelando à memorização.

Actualmente tem sentido falar em ensino de valores já que a nossa preocupação a nível educacional é levar o aluno a uma auto-descoberta, a uma explosão de si mesmo.

No ensino de valores há que privilegiar o diálogo, como atitude aberta que permite a troca de ideias na busca da verdade.

---

Revista "Educação e Tecnologia", Especial 10º Aniversário da E.S.E., Agosto 1997.

\* Profª Adjunta na E.S.E.

"Este diálogo, este encontro entre professor e aluno não depende exclusivamente da qualidade do ensino, mas do encontro entre pessoas. O problema do ensino de valores depende das nossas experiências. Depende de como nós nos situamos no campo da nossa acção docente que vai muito além dos limites da aula. Depende do que somos como pessoa" (Enricone, et al, 1992, p.18).

Não é fácil, por razões várias, abordar o problema do ensino de valores. É que o docente pode não ter clarificado as suas próprias ideias de valor. Surge em paralelo a dificuldade de nem sempre conseguirmos fazer tal abordagem respeitando a liberdade individual do aluno. O enfoque intelectual dado à escola dificulta também tal abordagem, que sentimos, no entanto, dever ser realizada.

O professor pode contribuir para a continuidade dos valores ou para os alterar. É o dilema entre a continuidade e a mudança. A escola pode e deve contribuir para as duas coisas. Isto acontece porque os indivíduos não são simples efeitos ou consequências passivas da sociedade em que vivem. À medida que vão conhecendo as circunstâncias da vida e analisando racionalmente os valores nela implícitos, podem agir sobre ela. "E se os valores são, em última análise, racionais e se podem ser analisados pela sua consistência e universalidade, então, em alguma medida pode a escola, ao trabalhar racionalmente esses valores, contribuir para a continuidade justificada ou para a mudança racionalmente desejável. Mas, **pode** somente contribuir". (Andrade, 1992, p.51).

O aluno através de um processo de liberdade criadora pode e deve participar na construção social. Há investigações empíricas que trataram de determinar a influência que exerce o sistema de crenças do professor sobre os seus alunos.

Spring (1974, *apud* Sánchez, 1986, p.124) com as suas investigações demonstrou que a influência valoral do professor pode ser potenciada na turma; que afecta o rendimento académico; que os seus efeitos se mantêm no tempo; que influenciam a conduta do aluno e que tudo é devido ao facto de o professor ser uma pessoa relevante para o aluno.

Não é novo para nós o papel da imitação e dos mecanismos de identificação existentes de forma relevante em certas faixas etárias relativamente à figura do professor. O professor tem, na opinião de Sánchez (1986, p.124), "uma grande responsabilidade no desenvolvimento dos valores, já que, por um lado tem que ser ele mesmo e por outro tem que permitir e estimular os seus alunos a que sejam eles mesmos." O professor não pode influenciar impositivamente os valores. Deve antes guiar os alunos no processo de clarificação individual dos seus valores pessoais.

Deve também ocupar-se dos conflitos de valores que os possam afectar e conhecer os factores que estão relacionados com os valores que defendem.

Apesar de toda a problemática e possível especulação do tema em questão "o verdadeiro educador está comprometido com o ensino de valores, por três determinantes: pelo sentimento de responsabilidade; pelo apelo à superação e pelo impulso em direcção à verdade" (Enricone, et al, 1992, p.18). O professor deve ajudar os alunos a descobrir os seus próprios valores, respeitando a sua natureza particular e aceitando a individualidade de cada um. Gusdorf (1967, pp.89-91) reflectindo acerca do que se espera de um professor refere: "que não se limite a apresentar-se como homem de um determinado saber, mas como testemunha da verdade e afirmador de valores" e "que demonstre ao discípulo sua própria existência, pois todo o homem necessita de acreditar que a sua vida tem um sentido e um valor".

O educador não deve apresentar valores como verdades irrefutáveis aos alunos. Ele deve ser um insatisfeito em relação às suas potencialidades. O espírito crítico, a inovação e criatividade levam o educador à superação de si mesmo. Nietzsche, a este respeito, lembrou que "o homem é um ser que deve ser superado" e Aristóteles considerou que a verdadeira virtude consistia em superar-se a si mesmo.

Convidar os alunos a percorrerem o caminho da verdade é função do professor, embora haja a impossibilidade de um ensino universal da verdade. A verdade humana é provisória, e os professores devem fazer sentir isso aos seus alunos.

Como afirma Gadotti (1975, p.82, *apud* Enricone et al, 1992, p.19): "a verdade absoluta, (porque a verdade não é mais que o caminho para a verdade) permanece como um horizonte, que recua à medida que avançamos em sua direcção".

O professor deve, antes de mais, criar um clima adequado para uma discussão crítica de valores. Para isso deve saber criar clima propício, conduzir discussões, seleccionar os tópicos e os dilemas morais e ajudar os alunos a realizar valorações. (Cf. Siluer, 1976, *apud* Sánchez, 1986).

Sem dúvida que o clima criado pelo professor influencia os valores que os alunos adquirem.

Desenvolvimento valoral implica amplitude de ideias e liberdade de expressão para que os alunos, de forma livre e independente, determinem os seus próprios valores. Para que tal seja possível, é preciso um sistema relacional rico. A aceitação das respostas de cada um é importante, bem como a abertura de espírito a mostrar pensamentos e sentimentos. Para tal o

ambiente deve ser psicologicamente seguro, onde haja respeito e aceitação pelo outro.

É conveniente assinalar neste momento que um clima caracterizado pela aceitação, confiança e eleição não implica necessariamente uma turma permissiva já que o respeito aos posicionamentos de cada um dos alunos lhes faz entender, de forma implícita, o reconhecimento do direito à dúvida, e formas de autoridade que emanam da força da personalidade de quem os dirige. Na opinião de Sánchez (1986, p.125) "a preparação na condução das discussões na turma é básica para o professor que deve procurar um clima de debate aberto e cuidar em não se inclinar numa direcção ou noutra".

Todos os estudantes deverão ter oportunidades de manifestar as suas opiniões sobre as diferentes questões ao mesmo tempo que ser ensinados a aceitar os pensamentos dos outros.

Ainda sobre a problemática de fundo, Shaver e Strong (1982, p.11 *apud* Andrade 1992, p.52) pensam que "a escola é um instrumento da sociedade. Os professores devem, por isso, estar profundamente envolvidos na formação dos jovens - introduzindo valores pessoais importantes, tais como a honestidade, inculcando valores de importância fundamental, tais como o patriotismo. Se se comportam de outro modo, os professores estão a abandonar o seu dever".

Embora nas opiniões que tenhamos analisado sobressaia esta opinião, há, no entanto, quem defenda posições contrárias segundo as quais os professores não têm nenhuma obrigação de lidar com valores, já que eles são atributo da família e Igreja, devendo a escola virar-se para o âmbito da educação intelectual. Estão patentes nesta opinião conceitos demarcantes de agentes socializadores. Consideramos indispensável que o professor, além de competente a nível técnico, se considere responsável pela elevação pessoal e cultural dos seus alunos. "Na sua prática, o professor evidencia os seus próprios valores, crenças e ideologias. O verdadeiro ensino tem uma conexão sensível com a vida das pessoas. O professor actua guiado pela consciência de que lhe compete ajudar o aluno a buscar a plenitude da sua natureza humana". (Enricone et al, 1992, p.22).

Toda a verdadeira vida tem a dimensão do encontro, onde o diálogo ocupa posição relevante. Os sentimentos dão dinamismos ao agir e às vezes é mesmo difícil distinguir o pensamento do sentimento. Compartilhar sentimentos liberta e ajuda a aliviar problemas. Não será difícil fazê-lo se tivermos desenvolvido sentimentos de alteridade e empatia.



Todos sabemos como é importante a figura do professor para o aluno. A sua figura chega a determinar objectivos vocacionais. As relações entre professor e aluno determinam aquisições de valores. É durante o processo de escolarização que são adquiridos valores e atitudes pessoais. Só conhecendo bem os nossos educandos podemos planejar uma atitude educativa mais coerente e mais consciente. Kohlberg (1975, p.670 *apud* Enricone et al, 1992, p.53) aponta que o objectivo da educação é o crescimento ou desenvolvimento, tanto intelectual, como moral, do ser humano. Sublinha ainda que a construção mais significativa da pessoa radica num poderoso e livre carácter.

Será de assinalar, pensamos, a pertinência de uma educação ética num mundo que precisa ser melhor conhecido e onde não imperem apenas saberes tecnológicos e científicos, mas onde deva existir uma atenção especial pela pessoa humana no encontro com os outros numa atitude de procura de valores mais válidos e coerentes.

Como surgirá a discussão sobre os valores? Pode surgir de forma planeada, estruturada e iniciada pelo professor. São também importantes as que surgem prevendo acontecimentos importantes que possam ocorrer. Será ao professor que compete, fazendo uso da sua flexibilidade metodológica e planificação não rígida, pressentir quais os momentos privilegiados para tal discussão.

O professor, ao fomentar e participar no debate, deve expor o seu ponto de vista apenas e só como mais um, porque é muito frequente impor os seus próprios valores aos alunos servindo-se de autoridade e pontos de vista pessoais. Como estratégia, Sánchez (1986, p.125) sugere "formular as perguntas durante o processo de debate e só emitir a sua posição no final do mesmo, quando as posturas dos alunos estiverem praticamente assumidas".

Tomar decisões é importante, pois estimula o estudante a adquirir valores, na medida em que os faz optar, aceitando uma e rejeitando outra. É importante que o professor seja capaz de estimular os alunos a analisarem-se e a explorarem-se a eles próprios. "O professor procurará que as afirmações valorais sejam vistas como respostas alternativas, mais que como correctas ou incorrectas, e o seu objectivo não será conseguir uma única resposta ao problema, mas possíveis resultados válidos, mais que um consenso generalizado" (Sánchez, 1986, p.125).

O processo de clarificação de valores inclui o processo de identificação de valores, distinguindo-os dos outros, examinando as suas consequências, assinalando as suas zonas de conflito e as possibilidades de solução das mesmas, estabelecendo conjuntos valorais coerentes. Pensamos, de acordo com Purpel e Ryan (1976,

p.9, *apud* Andrade 1992, p.53) que "É inconcebível que as escolas, tendo a seu cargo as crianças durante seis ou sete horas por dia, durante cento e oitenta dias por ano, desde que têm seis anos até terem dezoito, não afectem o modo como pensam acerca dos problemas morais e o modo como se comportam." A escola, por força de circunstâncias educa a nível de valores. Este factor deriva, em parte, da crise sócio-económica em que nos encontramos. Com o trabalho dos pais fora de casa, a família confia a criança à escola e espera desta não só educação intelectual, como também educação a nível ético ou moral. É a escola acaba por cumprir tal função de forma directa ou indirecta, a nível do currículo oficial ou do encoberto.

A escola é actualmente aprendizagem de vida e, como tal, de valores. É importante que na transmissão de valores o educador se conheça bem a si próprio. Na perspectiva de Enricone et al, (1992, p.31) "ao tentar renovadamente realizar os próprios valores, sendo ele mesmo, sendo o que deve ser, vislumbrando o sentido da vida, integrando o fazer, o pensar e o agir num só acto existencial, cultivando-se a si mesmo, o educador pode chegar ao difícil sentimento da alegria do ser."

É importante sublinhar que a urgência de compreender melhor o inter-relacionamento dos seres humanos, tal como as suas expectativas e níveis de interesse, tem levado nestes últimos anos a um aprofundamento radical nos estudos éticos e morais, ressaltando deste modo uma nova e promissora perspectiva para o crescimento e educação das futuras gerações.

Ninguém educa ninguém, utilizando uma expressão de Pierre Furter. Cabe, no entanto, a nós educadores, criar condições para que a educação tenha lugar. Nas condições que criamos é evidente que nos sentimos comprometidos com os valores que defendemos. Educar não pode ser fazer aceitar passivamente aos alunos a perenidade de alguns valores. Educar pressupõe um questionamento constante acerca dos valores. "Questionamento, ressalte-se bem, não quer dizer negação, muito ao contrário: questionar expressa a procura e nós procuramos algo que acreditamos que exista. Tal atitude evidencia (...) a educação como processo em que o homem, ser inacabado, está totalmente comprometido" (Enricone, 1992, p.59).

A educação é um fazer-se no tempo. Humanidade é situação e projecto segundo o mesmo autor. Sem projecto pessoal a educação não teria sentido. Há, na educação, um processo dialéctico constante entre o homem e o tempo. "Não entendemos que se possa falar em educação, a não ser uma educação que liberte". (Enricone, et al, 1992, p.60).

Quais os valores que deveriam estar integrados no trabalho dos professores? Qual a filosofia educacional subjacente ao escalonamento de valores que proporcionam tal integração? Será uma filosofia humanística? Numa filosofia humanística os valores humanos podem ser fonte de revitalização imprescindível a todo o educador que se sente comprometido com o mundo de hoje, em que a humanidade está assaz ameaçada. "A habilidade do professor para eleger tópicos e construir dilemas morais que suscitem ações valorais é fundamental para que os estudantes tenham oportunidades de investigar e discutir os valores" (Sánchez, 1986, p.125).

A história, a literatura, as leis, a sociologia são matérias inesgotáveis de recursos desses tópicos e dilemas que serão eficazes se adequados à idade dos alunos.

Uma das questões que se põem aos professores que defendem ou acham a educação ética inevitável, é se devem caminhar no sentido de uma doutrinação apresentando as suas posições aos alunos como verdades, ou se devem apresentá-las como opiniões pessoais, favorecendo a perspectiva de que cada um tem direito aos seus próprios valores já que estes são relativos.

Andrade, (1992, p.53) a este respeito, opina da seguinte maneira: "os receios mais frequentes podem, mesmo inconscientemente ter origem no temor de, ao lidar com valores, os professores poderem, por um lado não sentir a legitimidade para impor valores, e por outro, poderem pensar que não tem significado empenharem-se em actividades educativas cujo termo parece não conduzir a lugar nenhum e que parecem não ter uma finalidade clara." O conteúdo do citado remete-nos, imediatamente, para o problema da consciência deontológica dos professores.

Há passos que o professor deve seguir no ensino de valores: estimular os estudantes a manifestar os seus valores e sentimentos; promover a clarificação dos valores dos alunos e suas dimensões afectivas e animar o estudante a explorar alternativas comportamentais consistentes com os valores e sentimentos expressos. Para que tal seja possível o educador deve treinar habilidades. Deve começar por estabelecer questões que tornem os estudantes conscientes dos seus sentimentos, pensamentos e condutas premiando os que mostrem seus sentimentos e valores. Deve também identificar os sentimentos e emoções dos alunos baseando-se nos seus comentários, pondo questões que ajudem o estudante a analisar tais sentimentos e valores, identificando discrepâncias entre os valores dos estudantes e a sua conduta, bem como entre uns valores e outros. Finalmente, deve possibilitar novas oportunidades de expressar

novas condutas, estruturar situações onde essas condutas possam manifestar-se e dominar as técnicas da avaliação dos resultados. (Cf. Sánchez, 1986).

### **Bibliografia**

- ANDRADE, J. V., (1992), Os valores na formação pessoal e social, Lisboa, Texto Editora.
- ENRICONE, D., et al, 1992, Valores no processo educativo, Porto Alegre, Editores Sagra - DC Luzzato.
- GUSDORF, G., (1967) Professores para quê?, Lisboa, Editora Moraes.
- SANCH, Z. J. e RUIZ, P., (1993), La enseñanza de actitudes y valores, Valencia, Editorial Nau Llivres.